

104

Um monumento ao novo espírito dos brasileiros

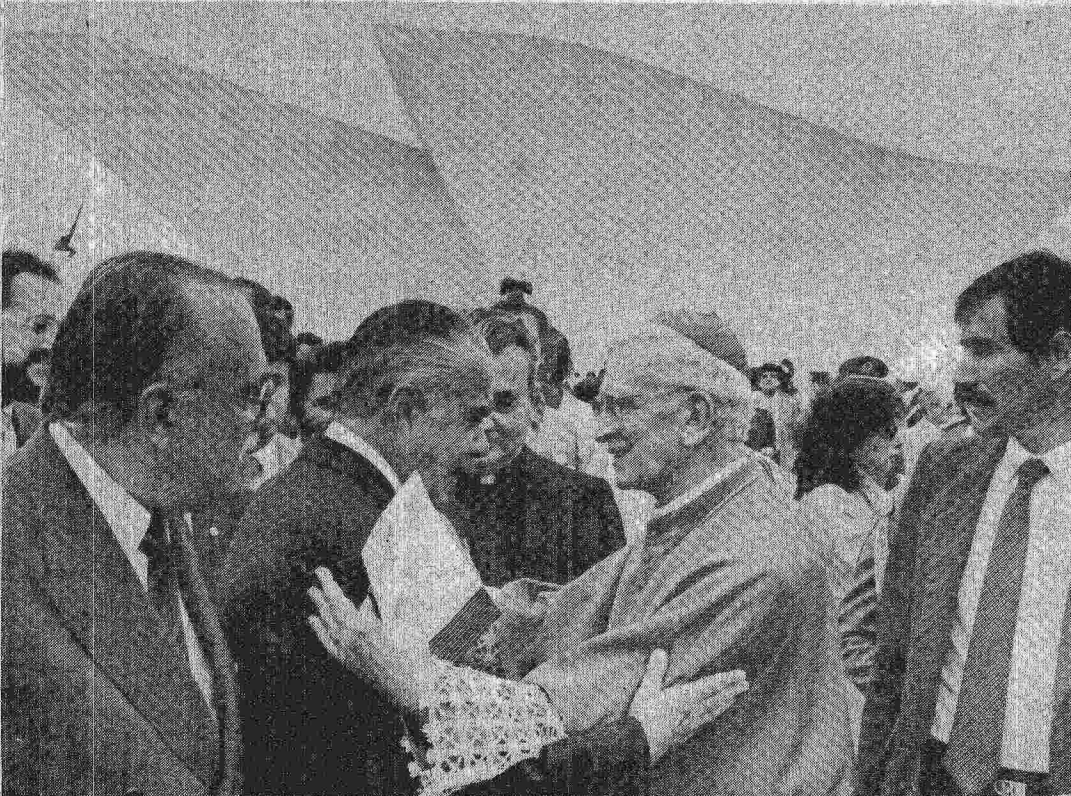
Sarney e d. Risoleta inauguram Panteão que Aparecido construiu na praça dos Três Poderes

GIVALDO BARBOSA



Na inauguração do Panteão D. Risoleta marcou a presença dos Neves nesta obra que vai imortalizar o presidente Tancredo

GILBERTO ALVES



Sob os olhares de Aparecido, o presidente Sarney recebe o abraço de D. Agnelo Rossi

O Panteão da Pátria

JOSE APARECIDO DE OLIVEIRA *

A Praça dos Três Poderes testemunha a plena forma criadora de Oscar Niemeyer. Nela, a harmonia de volumes, leveza de formas, equilíbrio e serenidade ganharam, agora, moldura definitiva com o Panteão em homenagem a Tancredo Neves.

Brasília tem o privilégio de ver de novo seus artistas-constructores em emocionante desempenho. Niemeyer voltou, 26 anos depois, para concluir uma obra singular. E acaba de arrematar a Praça que é o próprio coração do País, na convergência das três vertentes que desaguam no exercício democrático do poder.

O triângulo equilátero de Lúcio Costa amanheceu hoje para o voo sonhado da liberdade, na lembrança viva do Presidente Tancredo Neves, da luta histórica de Ulysses Guimarães e do renovado e corajoso compromisso democrático do Presidente José Sarney.

Quando o esquite do fundador da Nova República subiu a rampa do Palácio do Planalto, nas mãos dos jovens cadetes das Forças Armadas, entendi que o povo brasileiro, concentrado em dor profunda, desejava o culto da memória do estadista.

Foi ali que nasceu, da consciência nacional, a idéia do Panteão. Procurei prontamente viabilizá-lo, ao assumir o Governo do Distrito Federal, certo de que encontraria, nas forcas da sociedade, os meios com que concretizar a proposta.

O sentimento cívico do líder empresarial Amador Aguiar,

através da Fundação Bradesco, instrumento de elevação da qualidade de vida dos brasileiros, fez com que Brasília viesse a ter o novo marco de nossa paisagem urbana e do sentido capital da cidade.

Ao lado de Oscar Niemeyer, três extraordinários artistas também se entregaram ao trabalho. Marianne Peretti compôs o vitral lateral que faz incidir luz e cor no monumento, dramatizando com o branco, o vermelho e o roxo. Athos Bulcão criou belo painel que faz vibrar, em vermelho forte, o saguão do edifício e tensiona o acesso, João Câmara, com o sentido histórico que lhe embasa toda a obra densa e penetrante, ergueu, em mural patético, a Inconfidência Mineira.

Tiradentes e Tancredo nasceram no mesmo chão de São João Del Rey. João Câmara fixou na tela imensa o sufocamento da colônia, o tormento da opressão, a caminhada libertária do herói e seu sacrifício, que se confunde, no 21 de Abril, com o sofrimento redentor e a morte de Tancredo Neves.

Brasília recebe uma obra de rara transcendência, que espera concluir, ainda este ano, com o paisagismo de Burle Marx e a substituição do mastro da Bandeira por uma pira — o fogo simbólico da Liberdade e da Democracia. A Praça dos Três Poderes, como Ferreira Gullar observa na obra de Niemeyer, completa-se para provar que a beleza é leve.

Há exemplos pelo mundo de praças que dizem tudo em si próprias. A Plaza Mayor, em Madri, a Place des Vosges, em Paris. Ou a do Comércio, em Lisboa. A Navona, em Roma, e a de São Marcos, em Veneza. O Largo do Pelourinho, na Bahia de Todos os Santos, e a Praça Tiradentes, em Ouro Preto, se estendem, no Brasil, como base de uma civilização que nasceu aderida ao compromisso estético.

Mas nenhuma delas, ou tantas que merecem lembrança, atinge o impacto que Lúcio Costa e Oscar Niemeyer alcançaram produzir nesse ponto máximo de Brasília.

O Governo do Distrito Federal recebeu da Fundação Bradesco, com o testemunho do Presidente José Sarney e de Dona Risoleta Neves, a doação do Panteão da Pátria Tancredo Neves. Nele se inscreverão os nomes dos nossos heróis, na certeza de que a liberdade e a democracia, tendo recuperado sua morada nos palácios do Congresso Nacional, do Presidente da República e do Supremo Tribunal Federal, estarão para sempre na Praça dos Três Poderes. Dentro do horizonte sem limite de Brasília, a mão de Niemeyer soltou mais um pássaro para o céu que cobre a geografia continental da grande Pátria brasileira.

* José Aparecido de Oliveira é deputado federal e governador do DF

“Tancredo é o mestre da conciliação”

“Eu acho que o grande legado de Tancredo Neves foi a conciliação. Esse legado que ele deixou é um legado que facilita governar”, disse, ontem o presidente José Sarney ao deixar o Panteão da Pátria, dando por encerrada a inauguração da obra, que foi inspirada nos ideais de liberdade e democracia de Tancredo Neves.

Segundo Sarney, Tancredo Neves “tem um lugar, hoje, definitivo na história contemporânea e política brasileira, porque foi, sobretudo, o homem que a história preparou para que pudessemos construir a transição dentro da liberdade e da paz.”

Durante o seu discurso de inauguração do Panteão, o presidente Sarney frisou que: “Esta flor ou pássaro de concreto que sobe do chão desta praça e se expande para os céus ficará como um marco não apenas da cidade, mas da mudança que se processa em nossa história, mostrando o reconhecimento da Nação aos que viveram e lutaram pela Independência, pela liberdade e pela democracia.”

O discurso do Presidente, de três páginas, foi bastante aplaudido quando ele falou o nome de Dona Risoleta Neves, mulher de Tancredo, e quando encerrou a sua leitura. Sarney, não se limitou apenas a falar sobre o Panteão, mas citou Gandhi, o líder pacifista da Índia, dizendo que “o espírito da democracia não é uma coisa mecânica, a ser ajustada pela abolição de formas. Exige uma mudança do coração”.

O presidente Sarney aproveitou o momento para reafirmar a sua obra política, garantindo que realizará as mudanças nos campos políticos, econômicos e sociais.

CUMPRIMENTOS

O presidente Sarney desceu a rampa do Palácio do Planalto às 12h55min para inaugurar o Panteão. Ele estava acompanhado dos ministros Marco Maciel, do Gabinete Civil; do general Bayma Denys, do Gabinete Militar; e das Relações Exteriores, Abreu Sodré. E Também dona Marly, além de alguns embaixadores.

Ao chegar no final da rampa, o povo começou a gritar e atravessou a pista se incorporando à comitiva. A segurança conseguiu afastar os populares do Presidente, acabando um pouco com o brilhantismo da festa. Mesmo assim, muitas pessoas ainda ficaram na comitiva, que percorreu a pé mais de 200 metros.

Durante o percurso o presidente Sarney parou quatro vezes para cumprimentar os populares. Ele estava entusiasmado com os gritos de “viva o Presidente!” Sarney foi seguido também quando se encaminhava para o interior do Panteão e quando voltou para ir embora para o Palácio da Alvorada.

No interior do monumento, Sarney abriu o livro de aço onde constarão os nomes das personalidades que fizeram a história do Brasil. Ele tirou várias fotos de várias posições. Ao deixar o Panteão, Sarney observou que o painel de Athos Bulcão, colocado na parede do fundo, “é uma obra definitiva.”



Sarney é abraçado na rua

O Ex-presidente Tancredo Neves ganhou um lugar definitivo em Brasília: o Panteão da Pátria, que foi inaugurado ontem pelo presidente José Sarney, governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira e por dona Risoleta Neves. “O monumento reflete o novo espírito dos brasileiros, que assumem completamente sua cidadania e constroem a democracia”, afirmou o presidente José Sarney em seu discurso.

Dona Risoleta Neves, que foi muito aplaudida pela pequena multidão que se formou em frente ao Panteão, na Praça dos Três Poderes, agradeceu, com a voz embargada pelas lágrimas, “ao povo amigo de todo o Brasil”, e lembrou do ex-presidente Tancredo Neves como um homem que sempre buscou a paz através da justiça, e é

um homem a ser seguido por seu povo”.

— Fiz o discurso no avião, quando vinha para Brasília, e foi algo muito emocionado — comentou depois dona Risoleta. Mas não foi apenas o ex-presidente Tancredo Neves o homenageado na festa da independência.

Também o presidente José Sarney, que fez questão de descer a rampa do Palácio do Planalto e percorrer a pé os 200 metros que separam o Palácio do Panteão, foi saudado por populares que seguiram o presidente em seu percurso aplaudindo-o muito, tirando fotos, pedindo abraços. Sarney, acenando para as pessoas, aproveitou também para distribuir abraços e apertos de mão.

Antes de entrarem no Panteão, o Presidente e dona Riso-

leta leram seus discursos em um palanque de concreto construído na Praça dos Três Poderes. Dali, o Sarney se dirigiu aos populares garantindo que “não nos faltará coragem para levar adiante políticas, reformas e medidas desejadas pelo povo”. afirmou também que “a reforma agrária, a política agrícola, a reforma administrativa, as medidas nas áreas da previdência, da saúde e da educação, a implantação do Plano Cruzado e a adoção do Plano de Metas estão mudando a feição do País”.

Sarney encerrou o seu discurso afirmando que “a paixão de liberdade não morre. Na ressureição da pedra aqui estão lembrados aqueles que construíram a glória da Pátria. Só Deus compartilha da eternidade de seus nomes”.

Novo elemento visual na Praça

Desde ontem, Dia da Pátria, a Praça dos Três Poderes passou a contar com um elemento novo no seu conjunto arquitetônico de rara beleza: o Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, inaugurado pelo presidente José Sarney e o governador José Aparecido. Projetado por Oscar Niemeyer (autor do plano arquitetônico de Brasília) a obra é uma homenagem aos heróis da Pátria e simboliza o advento da Nova República.

O ato, que serviu para consagrar também a capacidade empreendedora do governador José Aparecido, foi prestigiada por quase todo o Ministério da Justiça; numerosos representantes diplomáticos; a hierarquia da Igreja; a cúpula das Forças Armadas; gente do povo, inclusive de camadas carentes da Ceilândia e as viúvas de dois dos maiores estadistas do Brasil recente: Sarah Kubitschek e Risoleta Neves.

SOLENIDADE

A inauguração do Panteão da Liberdade e da Democracia foi antecedida pela bênção das instalações, ao ar livre, na Praça dos Três Poderes, oficiada pelo cardeal D. Agnelo Rossi, presidente da Administração do Patrimônio da Santa Sé e legado papal nas cerimônias fúnebres do ex-presidente Tancredo Neves, assistida por mais de três mil pessoas.

No palanque das autoridades estavam a família do ex-presidente Tancredo Neves, tendo à frente dona Risoleta e o filho Tancredo Augusto, Dona Sarah Kubitschek, e a filha Márcia; o músico Tom Jobim (um dos criadores da Bossa Nova); o arquiteto Oscar Niemeyer, construtor de Brasília e autor do projeto do Panteão; o núncio, apostólico D. Carlos Furno; e toda a hierarquia da Igreja; o banqueiro Amador Aguiar, presidente da Fundação Bradesco, que financiou a obra; o superintendente dos Diários Associados, Edilson Cid Varela; ministros e dirigentes da Nova República.

UMA CANJA

Além das autoridades, tiveram uma “canja” alguns candidatos às eleições de novembro, que assistiram à cerimônia no palanque e posaram para fotos ao lado do presidente Sarney e de figuras capazes de induzir o eleitorado, como dona Risoleta Neves, dona Sarah Kubitschek, os ministros Marco Maciel e Aureliano Chaves; Tom Jobim, Oscar Niemeyer e o próprio José Aparecido.

Entre os políticos, destacavam-se Pompeu de Souza, Carlos Murilo (ambos do PMDB) e José Ornellas (PL), candidatos ao Senado e Márcia Kubitschek (PMDB), candidata

ORAÇÃO À LIBERDADE

Feita pelo governador José Aparecido, a Leitura da Palavra abordou a Carta de São Paulo aos Gálatas: “Irmãos, é para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão. Vós fostes chamados à liberdade. Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto para a carne, mas, pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros. Pois toda a Lei está contida numa só palavra: “Amarás ao teu Próximo como a ti mesmo”.

Logo depois, dona Risoleta fez um discurso sobre os ideais de liberdade e da democracia do ex-Presidente, ressaltando que “Tancredo amou o seu povo até o último momento”. Agradeceu o gesto de Aparecido e elogiou o dinamismo com que vem administrando o DF.

Em nome do papa João Paulo II, D. Agnelo Rossi abençoou o Panteão e estendeu a bênção ao povo brasileiro. Antes, na homilia, ele destacou o exemplo de patriotismo de Tancredo. “Ele consagrou todos os seus talentos e energias para servir à Pátria, mesmo com sacrifício de sua saúde e vida. Seu gesto foi um apelo especialmente às elites para que testemunhem, com

palavras e ações, o verdadeiro patriotismo de filhos desta Terra, nossa Pátria”, disse.

— Neste momento de exaltação cívica, a melhor forma de exercício da liberdade e de democracia é procurar, no cumprimento do dever, o bem comum do povo brasileiro. Não basta desfraldar aos outros a bandeira da Ordem e do Progresso; é necessário, sobretudo, viver e promover o clima de liberdade de democracia como prova de brasilidade e autêntico patriotismo”, completou. A solenidade externa terminou com o discurso do presidente Sarney. Em seguida, todas as autoridades deslocaram-se para o Panteão, onde Sarney e Aparecido descerraram a placa de inauguração e entraram para a visita.

Do lado de fora, inconsolável a família do garoto Tancredo Juscelino — homenagem dos pais aos dois estadistas brasileiros — agitava cartazes com inscrições do tipo “Dona Risoleta, batize o Tancredinho. Ele está muito doente”, na intenção de alertar a viúva do homenageado para a desgraça em que vive.

D. RISOLETA

Em pronunciamento feito ontem durante a cerimônia de inauguração do Panteão da Pátria, D. Risoleta Neves agradeceu ao presidente Sarney “por estar governando o nosso País com a mesma integridade e a mesma dedicação com as quais o ex-presidente Tancredo Neves o estaria governando: “O País que Tancredo Neves queria é o mesmo País que o presidente Sarney está construindo: um País com autoridade mas sem nepotismo, um País com firmeza mas sem arrogância, um governo que busca a justiça social mas sem demagogia. Esta é, realmente, a Pátria que queremos edificar, quando fomos às ruas pregar nossa fé no regime democrático”.

D. Risoleta destacou a figura do ex-presidente, afirmando que Tancredo Neves amou o Brasil e suas causas até seu último alento: “Como sua esposa e companheira testemunhei, durante muitos anos, sua fibra durante as lutas pelo retorno do regime democrático. Mesmo quando as crises do poder eram mais graves e quando sopravam mais fortes os ventos do medo, Tancredo Neves mantinha sua serenidade, com a qual negociava a paz e o entendimento entre adversários. Fazer a paz era o seu ofício, fazia-a não com a força que intimidava, nem com o poder que inibe e provoca injustiças. Tancredo Neves fazia a paz com a palavra, sem capitalizar e com toda a intrepidez que caracterizam suas ações e sua vida”.

População invade Três Poderes

secretário de Saúde Laércio Valença, que juntamente com o secretário do Gabinete Civil, Guy de Almeida, representavam o Governo do Distrito Federal. A Banda do Corpo de Bombeiros executou o Hino à Brasília e seguida pela guarda de honra ficou de frente para o mastro, no momento em que o radialista Sérgio Vieira, da EBN, leu “Culto à Bandeira”, de Olavo Bilac.

Ao som do Hino Nacional, a Bandeira, já rasgada pelos fortes ventos do Planalto, foi substituída. Pela primeira vez, as crianças que acompanharam os pais à praça foram os responsáveis pela abertura da Bandeira hasteada, em substituição aos 10 militares do Corpo de Bombeiros que há quatro anos prepararam a substituição.

PANTEÃO

Durante as solenidades de inauguração do Panteão da Pátria, um grupo de militantes do PDS jovem de Brasília fez uma manifestação pacífica contra a retirada do mastro da Bandeira. Portando cartazes com inscrições do tipo: “Sr. Governador.

Em Bandeira não se mexe. Bandeira reverencia-se” e distribuindo panfletos entre os presentes, eles marcaram seu protesto e não arredaram pé enquanto não fizeram entrega formal do manifesto ao governador.

Estavam presentes a inauguração do Panteão os ex-governadores e ex-prefeitos do DF: Wadji Gomide, José Ornellas, Almé Lamais e Paulo de Tarso Santos. Depois da inauguração o governador foi levar dona Risoleta Neves ao aeroporto e D. Agnelo Rossi à Nunciatura. As 16h, almoçou com o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, e com o ministro da Previdência Social, Rafael de Almeida Magalhães. O almoço serviu também para comemorar o casamento do almirante José Maria do Amaral, chefe do EMFA, com a sobrinha de Ulysses, Sônia Helena Guarita.

Entre um e outro compromisso, José Aparecido abriu a corrida de motos no Autódromo de Brasília e, à noite, passou no Concerto ao ar livre de Tom Jobim, com quem jantou na residência das Águas Claras, acompanhado também por Oscar Niemeyer.

Panteão, obra que saiu de graça

A primeira folha do livro de aço em homenagem aos heróis da Pátria foi preenchida com uma inscrição do governador José Aparecido, nos seguintes termos: “Este Panteão da Pátria, que tem o nome de Tancredo Neves, é um monumento inspirado nos ideais de liberdade e democracia do fundador da Nova República”.

Erguido em forma de pomba voando ou uma flor desabrochando — o autor, Oscar Niemeyer, deixa a interpretação livre para cada um — o Panteão da Liberdade e da Democracia tem dois pavimentos para visitação. No primeiro, ao fundo, encontra-se um painel vermelho de Athos Bulcão, o mesmo que projetou os relevos externos do Teatro Nacional.

No segundo pavimento (salão principal) encontra-se um grande mural tomando toda a pare-

de dos fundos retratando trechos da Inconfidência Mineira, o primeiro movimento de libertação nacional, liderado por Tiradentes. O autor é o artista plástico paraibano João da Câmara. Do lado oposto foi montado um vitral projetado pela artista Marianne Peretti, colorindo de roxo e vermelho o piso.

O Panteão foi construído em dez meses e o custo — Cz\$ 20 milhões — foi inteiramente financiado pela Fundação Bradesco. Sua estrutura completa tem 2.105 metros quadrados. Nela foram utilizados 2.500 metros cúbicos de concreto e 280 toneladas de aço.

A viúva do ex-presidente Tancredo Neves, dona Risoleta, ficou particularmente feliz com a inauguração do Panteão da Pátria pois, para ela, essa foi “a maior homenagem prestada a Tancredo aqui em Brasília”.

Disse também que, como Tiradentes, também lembrado no Panteão, Tancredo foi mártir da democracia e da Nova República.

GENIALIDADE

Para o arquiteto italiano Gianfranco Tozzini, representante da Ordem dos Arquitetos de Turim, as obras de Niemeyer, “são um tributo à inventiva genial, digna do grande mestre que ele é. Considero toda a obra de Oscar Niemeyer uma instigante expressão de vitalidade criativa, que não se esgota em cânones repetitivos. E, antes, uma pesquisa permanente e estimulante de formas e sentimentos novos, e transmite uma mensagem imediata, viva, fantástica”.